

pensamento e o seu conteúdo, para retornar toda a vida e humanidade ao papel da operatória racional, — o terceiro capítulo, tendo como base a crítica de Meyerson, analisa as pretensões da razão a dar como inalterável no tempo a sua estrutura. Ora, como aquela distinção e esta pretensão afinal «os dois caminhos principais para fundamentar a imutabilidade da razão», segue-se que «a oposição entre razão e devir não é de carácter estrutural, antes resultou de certas condições sociais transitórias; ao mesmo tempo constatámos que a razão evolui, e que o seu evoluir se entrelaça com o evoluir da técnica e da sociedade».

E na conclusão do livro, apontando as deficiências que conduziram aos equívocos clássicos, Magalhães Godinho diz-nos: «A fragilidade do empirismo clássico resultava de não explicar a experiência, a fragilidade do racionalismo clássico resultava de não explicar a razão». Isto sintetiza o próprio trabalho que o autor se impôs: procurar explicar uma e outra em função da história dos homens e do seu pensamento. Pena é que elle não tenha analisado, com o interesse que tem para a sua tese o problema continuidade-descontinuidade, o princípio da complementaridade de Bohr, a questão do antropomorfismo das ciências e o significado da lei científica. E' que sem o estudo detalhado dessas questões a conclusão da

tese fica suspensa de uma análise posterior. E o próprio autor devia ter sentido a necessidade disso pois que a elas se refere ainda, mas de uma maneira sumária que está longe do seu interesse para o problema da razão, tal como o colocou. Se as incluísse verdadeiramente no seu trabalho este não seria já uma introdução a um problema mas uma análise muito séria do mesmo. E sentimos vontade de exigir isso do autor porque as páginas admiráveis da sua *Razão e História* mereciam que elle tivesse ido até ao fim do assunto.

Outra coisa que não se poderá deixar sem referência é o sentido geral humano deste trabalho. Como nelle se escreve, «a razão, como conduta racional, não é um dom divino mas conquista do homem. E' a batalha de todos os dias, em todas as frentes, pela realização da unidade de todos os homens». Ou ainda: «O carácter histórico da razão e o carácter racional da história asseguram a unidade do género humano e o valor práctico do conhecimento, e do mesmo passo eliminam a inspiração irracionalista de um mundo que não pode viver».

Em resumo: um livro muito bom, invulgar na nossa literatura filosófica e que nos faz esperar da parte do seu autor uma larga contribuição para o revigoramento desses estudos em Portugal.

J O F R E A M A R A L N O G U E I R A

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 10)

pé de igualdade, e contudo o valor de Pasteur não foi diminuído pelo materialismo dialético, nem da teoria pastoreana se diz, como diz o autor do artigo em questão, referindo-se à psicanálise:

«Ela está muito longe de merecer a importância e os créditos que em dado momento pareceu atingir».

Isto quanto à psicanálise a que poderemos chamar *restricta*, isto é, quanto à psicanálise enquanto método de tratamento e explicação etio-patogénica das nevroses.

Quanto à psicanálise *generalizada*, diremos no próximo número o que dela pensamos.

R A M I R O D A F O N S E C A